

MAIS DE 50 CURSOS PAGOS NA ECA

Terezinha Vicente Ferreira
Jornalista



Programas de especialização lato sensu cobram R\$ 9.000 por aluno. A unidade mantém 38 núcleos de pesquisa, parte dos quais oferece cursos pagos. Estes são administrados, na maioria dos casos, pela Fundac

Em 2001 e 2002, a Escola de Comunicações e Artes (ECA) ofereceu cerca de 50 cursos de extensão pagos, dos quais 41 de difusão e os restantes de aperfeiçoamento, atualização e especialização, com preços variando de R\$ 35,00 a R\$ 1.850,00, e dois cursos de pós-graduação *lato sensu* com preço de R\$ 9.000,00 por aluno.

Os oito departamentos da unidade — Artes Cênicas; Artes Plásticas; Biblioteconomia e Documentação; Cinema, Rádio e TV; Comunicações e Artes; Jornalismo e Editoração; Música; e Relações Públicas, Propaganda e Turismo — mantêm 38 núcleos de pesquisa, vários deles responsáveis por cursos pagos (**vide quadro**).

Atua na ECA, também, a Fundação para o Desenvolvimento das Artes e da Comunicação (Fundac), que usa salas e telefones da unidade, organiza cursos próprios, e responde pela gestão financeira de cursos de terceiros. O diretor da unidade, professor Waldenyr Caldas, nega existir convênio com a Fundac (e a Reitoria fez declarações públicas de igual teor, em 2001), mas a instituição privada, dirigida pelo professor Tupã Gomes Correia, ex-diretor da ECA, movimentou-se com desenvoltura.

O diretor da ECA garante que a unidade “não tem qualquer espécie de convênio com aquela fundação, pelo menos a partir de 19 de fevereiro de 2001, quando tomei posse como diretor”. Para com-

provar a afirmação, ele apresenta duas correspondências, datadas de agosto de 2001 e fevereiro de 2002, assinadas por ele, desautorizando a utilização do nome da ECA em atividades que envolvam a Fundac. Cobranças de taxas que estavam a cargo da Fundac durante o ano de 2000, como as referentes ao diploma e catálogo de graduação, deixaram de ser feitas por ela, diante dos protestos dos estudantes.

Entretanto, Pedro Malavolta, estudante de Jorna-

“Os profissionais podem pagar esses cursos. Mas geralmente são as empresas que pagam”, diz o vice-diretor

lismo, diretor do Centro Acadêmico e ex-representante discente na Congregação da ECA, afirma que a Fundac mantém convênios com a unidade. O fato irrefutável é que as Normas Internas dos cursos de pós-graduação *lato sensu*, disponíveis no site da ECA (<http://www.eca.usp.br/>), mencionam explicitamente a Fundac como responsável pela gestão de tais cursos.

No site podem-se ler as Normas Internas do Curso de Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Processo 99.1413.27.5) do Departamento

de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, as quais mencionam, no artigo 32, parágrafo único: “O plano de utilização das Taxas Acadêmicas obedecerá as normas gerais que disciplinam a Resolução CoP-Gr- 4-196 de 6/9/95. Assim sendo, deduzindo as taxas obrigatórias da Universidade e da Administração da Fundac, a aplicação da receita será destinada para...” etc.

O professor Luis Milanese, vice-diretor da ECA e presidente da Comissão de Cultura e Extensão (CCEX), remete as respostas sobre fundação e núcleos para o diretor ou a Reitoria, mas concorda com a existência de cursos pagos para “dinamizar” a vida acadêmica. Ele cita os cursos *lato sensu* existentes na unidade: “Como a ECA forma profissionais que estão sempre em busca de atualização ou de aperfeiçoamento, procura, por meio de cursos de extensão, atualizá-los. Inclusive a pedido de profissionais, ex-alunos ou não. Eles já estão no mercado de trabalho, podem pagar. Mesmo assim, geralmente são as empresas que pagam esses cursos para os seus funcionários”.

“Gestão de Processos Comunicacionais” e “Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas”, coordenados pelas professoras Maria Aparecida Baccaga e Margarida Maria Krohling Kunsch, respectivamente, são os cursos *lato sensu* em questão. A Fundac gere estes cursos desde 2000, emitindo boletos e controlando a cobrança das taxas. Com

estrutura semelhante à dos mestrandos profissionalizantes, eles têm carga de 900 horas, distribuída em três semestres, e custam ao aluno, ou ao empregador que financia o curso, R\$ 9.000,00 (em 18 parcelas de R\$ 500,00).

O curso “Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas” teve início em 1998. A primeira turma foi pequena: segundo a professora Margarida Kunsch, o curso ganhou força em 2000, e é procurado por jornalistas e publicitários que hoje são, no seu entender, “os verdadeiros gestores de empresas de comunicação”.

O pagamento aos professores é feito por hora-aula, de acordo com a titulação. Para um professor-doutor, o valor bruto da hora-aula é de cerca de R\$ 100,00. O curso contrata especialistas de alto nível, observa a professora Kunsch, com obras publicadas e extenso conhecimento dos conteúdos pelos quais responderão.

A coordenadora salienta que a cobrança de valores e os respectivos repasses são “um dado público” e que está muito bem indicado no projeto do curso, o qual, lembra ela, está de acordo com o Regimento Interno da USP, que determina que os cursos *latu senso* sejam auto-sustentáveis. No entanto, diz, “o curso tem obrigação de trazer benefícios à USP, e de fato traz”. Segundo a professora Kunsch, com as verbas geradas pelo curso foram construídos o galpão das Artes Cênicas e a sala 39 do Departamento de Relações Públicas (CRP).

“Faço absoluta questão de dizer que recebo um pró-labore de R\$



O representante discente Pedro Malavolta e o professor Caldas

800,00 para coordenar o curso Gestão de Processos Comunicacionais. E que cada professor, que dá geralmente um curso por ano, recebe R\$ 120,00 por hora-aula, o que dá cerca de R\$ 2.000,00 no ano”, informa

a professora

Bacciga.

“Além disso,

recebem

apenas pelas

18 horas de

aulas pre-

senciais,

quando

cada

núcleo

tem 48

horas

de trabalho no

curso. As outras 30 horas incluem

desde o processo seletivo — que

tem prova escrita, entrevista, exame

de documentos e projetos trazidos

pelos alunos, banca examinadora

etc. —, no qual eles trabalham de

graça, até partes à distância, como leituras programadas, relatórios, correções. Da ECA fazem parte do curso nove professores. Os outros vêm de fora e recebem R\$ 450,00 por conferência”.

Para coordenadora, curso pago é “uma maneira de democratizar a Universidade, pois é dirigido a profissionais”

A profes-

sora

Bacciga

defende

a cobran-

ça: “O

curso é

latu sensu,

e deve ser

pago, pelas

próprias nor-

mas da Rei-

toria. É uma

maneira

de democrati-

zar a Universi-

dade, pois é dirigido

para profissionais que estão no

mercado, e normalmente têm

retorno imediato com o curso”. Ela explica que, além de cobrir

CENTRO DE ESTUDOS DA MODA

Entre os “naps” relacionados no site da ECA está o Núcleo de Pesquisas da Moda. Mas, ao clicar o vínculo, o visitante é conduzido ao Centro de Estudos da Moda (CEM), o qual, “instituído na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em março de 2000, de algum modo é o prolongamento institucional do laboratório de mesmo nome, que funcionava informalmente até aquela data na mesma Escola”.

A página informa sobre o

CEM: “Aprovado pelo CTA da ECA-USP em 1/3/2000. Portaria ECA-2, de 1/3/2000. Publicada no Diário Oficial do Estado, em 10/3/2000, Seção I, 110: 47.” De acordo com a página, o CEM “culmina seus projetos com a implantação, a partir do segundo semestre de 2001, do primeiro mestrado profissionalizante em moda”.

Entre os docentes do mestrado profissionalizante em moda, relacionados na página do CEM, figura o diretor da ECA, professor

Waldenyr Caldas, como responsável pela disciplina Sociologia da Moda.

Quem procurar o CEM, no telefone indicado no site (ramal USP 5019), ouvirá uma mensagem gravada que remete ao telefone 3242-1268, da Fundac — onde ficará sabendo, por meio da secretária Meire Valentim, que aquele “naps” não mais existe: teria sido “substituído” pelo Instituto da Moda (InMod), entidade privada que mantém 17 cursos de extensão e funciona na sede da fundação.

despesas com pagamento de professores e funcionários, assessoria de imprensa, produção de impressos (inclusive catálogos em inglês), transcrição de fitas e outras, as receitas do curso permitem a edição de uma revista dirigida a educadores e comunicadores.

De acordo com a professora Bacega, o incêndio ocorrido na ECA em 2001 foi um dos motivos do aumento do preço do curso, que, até então, custava aos alunos R\$ 350,00 mensais: “Com o incêndio, perdemos todos os equipamentos, e estamos começando do zero, já que o departamento não nos fornece nada, sequer um xerox. Pagamos tudo e temos todos os comprovantes, que estão à disposição, até porque temos que encaminhar tudo para a Fundac fazer a conta-

bilização”. A primeira turma do curso remonta a 1993.

Também o Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão da Promoção da Arte na Educação (NACE-PAE) tem cursos administra-

lado de dois do Departamento de Artes Cênicas. Porém, a única informação a respeito é o telefone para contato. Havia dois cursos de especialização no NACE-PAE, com cargas horárias de 360 e 180 horas, mas a secretária não soube dizer se continuarão a ser oferecidos ou não.

Os cursos de extensão, de difusão cultural e de atualização são variados. Não há programação fixa: Gena Moura, funcionária da Assistência Acadêmica, informa que eles “são organizados de acordo com solicitação dos departamentos, e devem ser aprovados pela CCEX”. A pedido do professor Milanesi, ela forneceu a “Relação dos Cursos de Extensão Universitária oferecidos pela ECA (2001 e 1º semestre de 2002)”, na qual aparecem 28 cur-

“Já recebo salário da USP, acho uma indecência cobrar porcentagens pelos cursos”, declara a professora Maria Nazareth, do Celac

dos pela Fundac, segundo a secretária Katiene Nascimento. No site da ECA, apenas três cursos deste núcleo aparecem, ao

ÁREAS DE PESQUISA**NÚCLEOS**

Artes Cênicas	Laboratório de Teatro Educação LIM CAC - Laboratório de Informação e Memória LINCE - Laboratório do Ator-Laboratório de Investigação do Corpo como Expressão
Artes Plásticas	NACE-PAE - Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão da Promoção da Arte na Educação
Biblioteconomia e Documentação	NPC - Núcleo de Produção Científica Observatório de Políticas Culturais PROESI - Programa Serviço de Informação em Educação
Comunicações e Artes	Cibernética Pedagógica Gestão de Processos Comunicacionais NCE - Núcleo de Comunicação e Educação Núcleo de Pesquisa em Telenovela Com-Arte Filocom - Núcleo de Estudos Filosóficos de Comunicação
Jornalismo e Editoração	Núcleo de Epistemologia de Jornalismo NJC - Núcleo de Jornalismo Comparado NJL - Núcleo de Jornalismo e Linguagem NJMT - Núcleo de Jornalismo, Mercado e Tecnologia NUPEJL - Núcleo Permanente de Estudos Jornalismo e Linguagem Núcleo de Jornalismo e Cidadania
Relações Públicas, Publicidade, Propaganda e Turismo	CEPOP - Centro de Estudos de Pesquisa de Opinião Pública
Cinema, Rádio e Televisão	Grupo de Estudos Sobre Práticas de Recepção e Produtos Mediáticos Núcleo de Pesquisa em Poética da Imagem NUDRAMA - Núcleo de Pesquisa em Dramaturgia Audiovisual

tos pagos do Departamento de Música.

A lista oficial, porém, é incompleta. O Departamento de Artes Plásticas, por exemplo, informou a existência de dois cursos neste ano — Gravura em Metal e Desenho de Observação, com carga de 60 horas-aula e o preço de R\$ 400,00. Mas só um deles aparece na relação. O curso de Jornalismo Científico, do Núcleo José Reis de

Divulgação Científica, também não consta, por estar “em discussão”, segundo a Assistência Acadêmica. Mas este curso pago já tem uma turma em andamento, com mais de 50 alunos. E é, como vários outros, administrado pela Fundac.

Cursos de línguas são realizados pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Norte-Americanos (Napena), com o objetivo de “prestar serviços de qualidade

à comunidade”, segundo doutorandos que respondem por eles. No primeiro semestre, 150 alunos aprendiam inglês, espanhol e francês. Os cursos, administrados pelo próprio núcleo, são semestrais e têm preços ligeiramente diferentes para alunos e funcionários da ECA (total de R\$ 280,00), alunos e funcionários da USP (R\$ 300,00) e para a comunidade (R\$ 320,00).

Constam da relação da Assistência Acadêmica três cursos sob a responsabilidade da professora Maria Nazareth Ferreira, coordenadora do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Culturas e Comunicação (Celac), segundo ela o primeiro núcleo a surgir na unidade. Dos cursos, a professora diz que apenas “Introdução ao Jornalismo *On Line*”, de atualização, foi realizado. A taxa cobrada, de R\$ 245,00, foi usada para pagar o professor, um aluno da ECA, e foram repassados 10% obrigatórios para a unidade.

A professora Nazareth diz ser totalmente contrária aos cursos pagos. “É como se fosse uma introdução sub-reptícia do ensino pago na Universidade. A extensão universitária deve existir, devemos prestar serviços à comunidade e podemos até cobrar alguma coisa simbólica, mas desde que os cursos não existam no currículo, e sejam rápidos, de difusão cultural”.

A coordenadora do Celac informa que serão organizados cursos para a Terceira Idade no segundo semestre, ao preço de R\$ 15,00 por aluno. O professor abriu mão do pró-labore. Ela considera os núcleos importantes para amparar pesquisas e conseguir financiamentos do CNPq e da Fapesp, mas não para ofertar cursos, sobretudo extensos e que contem como carga horária. “Eu já recebo meu salário da USP, acho uma indecência cobrar porcentagens pelos cursos”, declara a professora Nazareth.

“Se os professores, meus alunos de pós-graduação, quiserem dar algum curso pelo núcleo, têm que

cobrar barato, como esses que acontecerão no segundo semestre”. Ela também critica aqueles docentes que estariam deixando de assumir disciplinas na graduação para dedicar-se a atividades remuneradas, e com isso sobrecarregando os colegas cujo ingresso ou contratação pela USP é mais recente.

Dos 38 núcleos de pesquisa em atividade na ECA, somente o Napena e o Celac são reconhecidos pela Reitoria (oficialmente, “criados”), com base na Resolução 3657, de 15 de fevereiro de 1990, que “estabelece normas para criação, funcionamento, renovação e desativação de Núcleos de Apoio à Pesquisa (NAPs)”. A medida define, em seu artigo 2º, que “Cabe ao Reitor, nos termos do artigo 7º do Estatuto, ouvido o Pró-Reitor de Pesquisa, a criação de Núcleos de Apoio à Pesquisa”, que pode ser sugerida por grupos de docentes, unidades e órgãos da USP.



Os núcleos têm relativa independência, segundo o professor Caldas, e por isso o diretor nomeou uma comissão “especialmente para estudar a situação de todos eles e auxiliá-los no sentido de se regularizarem junto à Pró-Reitoria de Pesquisa”. Nomeada no dia 28 de fevereiro deste ano, com prazo de 60 dias para desenvolver o trabalho, a comissão pediu prorrogação do prazo, concedida pelo diretor.